

LINGUASAGEM

NAS VOZES QUE NARRAM, UMA TESSITURA PARATÓPICA SOBRE O TRABALHO DO VAQUEIRO

Délcia Pereira POMBO¹
Fátima PESSOA²

Resumo: Este artigo privilegia os vínculos de pertencimento estabelecidos no arquipélago marajoara. Mais especificamente investigar, nas cenas de enunciação, os traços de um modo de ser e estar no território marajoara na condição de trabalhador dos campos. O percurso teórico-analítico faz o entrelaçamento entre os postulados de Maingueneau (1997, 2006, 2008, 2010), Bertaux (2010) e Schwartz e Durrive (2010, 2015), com vistas a tecer relações sobre o funcionamento discursivo implicado no dizer de si e do trabalho realizado, sobre o tripé dos conceitos de atividade, prática discursiva e narrativa. Postulamos que, nessa relação entre as narrativas ficcional e não ficcional, estão fundados traços cenográficos de uma ordem discursiva comum, cujo ponto de intersecção é o caráter paratópico que as formas de pertencimento ao território são tecidas.

Palavras-chave: Prática discursiva; Narrativa literária; Narrativa de vida; Paratopia; Vaqueirice marajoara.

Abstract: This article privileges the links of belonging established in the marajoara archipelago. More specifically, we want to investigate, in the enunciation scenes, the traces of a way of being and of a way of being present in the marajoara territory as a worker in the fields. The theoretical-analytical path intertwines the postulates of Maingueneau (1997, 2006, 2008, 2010) with those of Bertaux (2010), Schwartz and Durrive (2010, 2015), with the aim of weaving relationships on the discursive functioning implied in the discourse of the subject who says about himself and the work performed, on the tripod of the concepts of activity, discursive and narrative practice. We postulate that, in this relationship between fictional and non-fictional narratives, scenographic traces of a common discursive order are founded, whose point of intersection is the paratopic character in which the forms of belonging to the territory are woven.

Keywords: Discursive practice; Literary narrative; Narrative of life; Paratopy; Marajoara cowboy style.

Introdução

Empenhadas, nos últimos seis anos, em realizar uma análise discursiva das narrativas de vida produzidas por vaqueiros marajoaras, com vistas a compreender os

¹ Doutora em Letras pela UFPA, professora da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC/PA) e da Secretaria Municipal de Educação de Concórdia do Pará. E-mail delciauab@gmail.com.

² Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA. E-mail fpessoa@ufpa.br.

sentidos que constituem sobre o trabalho, especificamente sobre o confronto entre os sentidos da tradição e os sentidos da contemporaneidade³, desenvolvemos neste artigo uma discussão inédita acerca das relações que são tecidas entre os relatos das experiências laborais dos vaqueiros marajoaras e a enunciação literária na obra *Marajó* (1947), de Dalcídio Jurandir, na qual também são constituídos relatos das condições de vida e de trabalho dos vaqueiros marajoaras.

A literatura dalcidiana teve início em 1941 com publicação da obra *Chove nos campos de Cachoeira*, apresentando, no conjunto dos romances que produz desde então, um quadro da sociedade da Amazônia paraense, acentuadamente marajoara, do final do século XIX, sob o título geral de *Ciclo do Extremo Norte*. Na sequência, os romances que compõem o ciclo são *Marajó* (1947), *Três Casas e um Rio* (1958), *Belém do Grão Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira Manhã* (1967), *Ponte do Galo* (1971), *Os Habitantes* (1976), *Chão de Lobos* (1976) e, em 1978, *Ribanceira*, último romance da série. Nas obras que compõem o ciclo, acompanham-se as vivências de personagens marajoaras que, na sua diversidade, constituem um mosaico de experiências de homens e mulheres; de crianças, jovens, adultos e idosos; de latifundiários e trabalhadores; de autóctones e estrangeiros; daqueles que vivem nos núcleos urbanos, nos campos, nas beiras de rio, nas fazendas. Ou seja, um riquíssimo caleidoscópio que dá a conhecer aos leitores o *Marajó*, território constituído pela enunciação literária, por meio da qual se inscreve discursivamente o espaço e o modo de habitá-lo, significados de maneira intervalar.

Nosso percurso, então, propõe a discussão dos sentidos produzidos sobre o trabalho da vaqueirice no arquipélago marajoara, privilegiando as formas como são estabelecidos os vínculos de pertencimento àquele território, seja na enunciação dos trabalhadores no âmbito de um projeto de pesquisa em que são convidados a participar seja na enunciação literária que (re)cria o território e as relações humanas que nele se tecem. Mais especificamente investigar como as diferentes cenas de enunciação, a acadêmica e a literária, oferecem os traços de um modo de ser e estar no território marajoara na condição de trabalhador dos campos. Para tanto, foram ouvidas as narrativas de vida de vaqueiros aposentados, feitores, vaqueiros em atividade e diaristas

³ Este artigo faz avançar algumas reflexões teórico-analíticas desenvolvidas na tese de doutorado “Dos campos do Marajó aos campos do discurso: sentidos sobre o trabalho do vaqueiro na tradição e na contemporaneidade”, de autoria de Délcia Pereira Pombo, defendida em fevereiro de 2021 no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Fátima Pessoa. A pesquisa de doutoramento foi apoiada pela concessão de bolsa CAPES, de 2017 a 2020.

que atuam em dez fazendas situadas em pontos estratégicos nos campos do Marajó, propriedades rurais situadas especificamente no município de Soure. Investiga-se nesses dados a percepção que esses trabalhadores têm acerca do trabalho que realizam, refletindo como, na linha do tempo, essa percepção se constitui, se consolida e se transforma. A relação desses dados com a enunciação literária do e sobre o território marajoara se justifica em razão de considerarmos que nossa entrada nesses campos se efetivou por diferentes experiências, o que implica desiguais formas de conhecimento constituídas nas vivências cotidianas na cidade de Soure ou nas práticas acadêmicas e literárias de dizer e ouvir dizer sobre o Marajó. Essa experiência diversa é parte das condições de produção da pesquisa que realizamos e gera efeitos sobre o modo como fomos capazes de ler os dados constituídos para a análise. São esses efeitos de sentido que pretendemos destacar neste artigo.

Nosso percurso teórico-analítico faz o entrelaçamento entre os postulados teórico-metodológicos de Maingueneau (1997, 2006, 2008, 2010), Bertaux (2010) e Schwartz e Durrive (2010, 2015), com vistas a tecer uma rede de relações sobre o funcionamento discursivo implicado no dizer de si e do trabalho que se realiza nos campos marajoaras. Esse entrelaçamento permite sustentar nossas leituras dos dados da pesquisa que explora “as múltiplas dimensões da discursividade, buscando precisamente, explicar a um só tempo a unidade e a irreduzível diversidade das manifestações do discurso.” (MAINGUENEAU, 2006, p. 38).

Em uma perspectiva ergológica dos estudos sobre a atividade laboral humana (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010, 2015), o contexto do trabalho é compreendido como ambiente de vida, de aprendizagens, de trocas, de enfrentamentos que produzem saberes e valores em aderência e em desaderência às experiências singulares⁴. Enquanto atividade humana, o trabalho confunde-se com os processos de enunciação:

(...) em razão da natureza sócio-histórica do trabalho humano, a linguagem ocupa um lugar central nos processos de produção, organização, validação da atividade de trabalho, bem como nos processos de formação para a atividade de trabalho (PESSOA, 2016, p. 64)

A centralidade da linguagem no contexto das atividades laborais garante a articulação das dimensões afetiva, política, histórica, ideológica do trabalho, colocando

⁴ Os saberes em aderência, conforme a perspectiva ergológica, são saberes que se constituem em estreita relação com a singularidade da situação vivida durante a atividade laboral. Os saberes em desaderência se referem a normas generalizadas, institucionalizadas ou não, para a realização da atividade laboral.

em causa os sentidos constituídos no, para o e sobre o trabalho. Os trabalhadores são afetados pelas situações singulares de trabalho e nelas investem o tempo, o corpo, os afetos e os saberes na constituição de identidades e de reservas de alternativas para a ação laboral. Pensar a relação entre linguagem e trabalho implica pensar o modo como se tecem relações que historicizam sentidos e nos processos relacionais que mobilizam esses sentidos em práticas, na movência do trabalho, aqui em especial a vaqueirice nos campos do Marajó, impregnado pelo sol abrasador e pela poeira levantada no verão marajoara, também pela chuva torrencial e pelos atoleiros que invadem os campos no inverno. Os traços definidores desse processo histórico podem ser recuperados nas cenas de enunciação que são analisadas de acordo com a orientação dos conceitos de atividade, prática discursiva, narrativa de vida e paratopia. Os resultados dessa análise oferecem uma chave de leitura para a compreensão da complexa ordem discursiva do trabalho no território marajoara.

Atividades, práticas discursivas e narrativas

A fonte incontornável para o alcance de nossos objetivos de pesquisa foi a escuta atenta e respeitosa dos trabalhadores vaqueiros marajoaras. No encontro com os trabalhadores, criamos as condições favoráveis para que a experiência da atividade laboral fosse conosco compartilhada por meio das narrativas de vida. As narrativas de vida foram introduzidas na França, nos anos de 1950, nas Ciências Sociais. Suas especificidades e definições são aqui pontuadas na perspectiva de Bertaux (2010, p. 15, grifos do autor): “a narrativa de vida resulta de uma forma particular de entrevista, a ‘entrevista narrativa’, durante a qual um ‘pesquisador’ (que pode ser um estudante) pede a uma pessoa, então denominada ‘sujeito’, que lhe conte toda ou uma parte de sua experiência vivida”. Para investigar a atividade de trabalho do vaqueiro marajoara, as narrativas de vida (re)constituem sentidos das experiências vivenciadas no contexto em que os relatos se produzem.

As narrativas de vida que reunimos e sobre as quais nos debruçamos durante a análise evocam memórias, saberes e práticas da profissão. Os vaqueiros narram as experiências laborais e investem simbolicamente na construção de sentidos sobre sua identidade profissional. Acerca de sentidos e identidades, Hall (2011, p 51) diz que “os sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas [...], memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas”. Nas incessantes idas e vindas

pelos campos do Marajó, para a escuta dos vaqueiros⁵, investigamos as cenas enunciativas acerca do trabalho na tensão entre os sentidos tradicionais e contemporâneos sobre a profissão, pois a hipótese que orientava nosso percurso teórico-analítico apontava para a transformação de saberes e valores ligados à atividade laboral entre as diferentes gerações de trabalhadores.

Para além da escuta atenta e respeitosa dos trabalhadores, outros arquivos também compunham as fontes de consulta para a compreensão do território marajoara e a complexidade das relações sociais nele tecidas. As produções acadêmicas sobre o Marajó e sobre os vaqueiros marajoaras em particular serviram de fundamento para constituir uma visada panorâmica sobre a história local, sobre a história das relações de trabalho que caracterizam o território, sobre a experiência histórica cotidiana nos núcleos urbanos e rurais do arquipélago.

Outro arquivo fundante para nossa percepção do território marajoara e as relações sociais que nele se fundam foi o arquivo da produção literária que captura a vivência marajoara, em obras produzidas por aqueles que a experienciaram, como Dalcídio Jurandir e Giovanni Gallo. O reconhecimento do território marajoara e de suas relações sociais características por meio da enunciação literária do lugar e sobre o lugar também compôs a trama interdiscursiva pela qual fomos introduzidas nesse espaço discursivo da atividade laboral nos campos marajoaras e pela qual buscamos alcançar as regularidades enunciativas que materializam os sentidos sobre ela. Nossa sensibilidade para ouvir, nas narrativas de vida dos trabalhadores, os diferentes modos de ser afetado pelas experiências laborais também foi cultivada pela prática discursiva literária, cujas (re)criações do tempo e do lugar das narrativas, por exemplo, comportam traços de uma inscrição cenográfica em um funcionamento discursivo que confronta as experiências enunciativas ficcionais com as experiências enunciativas não ficcionais que sustentam a emergência das primeiras.

O tripé atividades, práticas discursivas e narrativas conformam os fundamentos sobre os quais nossas análises se constituem. A atividade laboral da vaqueirice é o objeto discursivo que perseguimos, buscando compreender sua (re)configuração no tempo e no espaço por meio dos modos de dizer o trabalho e os trabalhadores. O percurso assumido para alcançar esse propósito confronta práticas discursivas distintas:

⁵ A constituição do *corpus* de pesquisa se realizou com a escuta de dezesseis trabalhadores. Doze atuam como vaqueiros, feitores, diaristas em dez fazendas situadas no município de Soure. Quatro são vaqueiros aposentados, que ainda atuam na profissão.

a prática discursiva acadêmica e a prática discursiva literária e suas formas de narrar o modo como os sujeitos vivem a vaqueirice no Marajó. Na prática discursiva acadêmica, uma comunidade discursiva formada por vaqueiros que narram experiências laborais e pesquisadores que as interpretam. Na prática discursiva literária, uma comunidade discursiva formada por escritores, editores, narradores que narram experiências sobre o mundo (do trabalho) e leitores/pesquisadores que as interpretam.

Nosso propósito é discutir de que modo, nessa relação entre as narrativas ficcional e não ficcional, estão fundados traços cenográficos de uma ordem discursiva comum, constitutiva do espaço discursivo da atividade laboral da vaqueirice. O ponto de intersecção é o caráter paratópico que as formas de pertencimento ao território são tecidas.

Paratopia dos campos marajoaras – o romance Marajó

Na obra *Discurso literário*, Maingueneau (2006) discute o funcionamento discursivo implicado pela enunciação literária. Nessas reflexões, afirma que a “existência social da literatura supõe ao mesmo tempo a impossibilidade de ela se fechar em si mesma e a de se confundir com a sociedade ‘comum’, a necessidade de jogar com esse meio-termo e em seu âmbito.” (MAINGUENEAU, 2006, p. 92). Em razão dessas condições de produção, na enunciação literária os processos criadores são obrigados “a alimentar-se de lugares, grupos, comportamentos que são tomados num pertencimento impossível.” (MAINGUENEAU, 2006, p. 92). Um dos percursos que realizamos para iniciar a investigação da constituição discursiva do território marajoara habitado por trabalhadores dos campos e suas famílias, dedicados à vaqueirice, partiu da compreensão dessa dimensão intervalar da enunciação literária.

Conhecer o Marajó e seus habitantes pelas grades da literatura põe em questão as relações entre a vida social e a enunciação literária. Essa matéria é objeto de diferentes reflexões no âmbito dos estudos literários, mas também dos estudos sociológicos, filosóficos, semióticos e discursivos. Antonio Candido (2006, p. 22) destaca a necessidade de que se tenha “consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a mimese é sempre uma forma de poiese.”. No âmbito dos estudos discursivos, interessar-se pela enunciação literária implica alcançar as condições de produção de uma obra, as condições de enunciabilidade que garantem sua emergência. Portanto, assim como Candido (2006), Maingueneau (2006) também faz

referência ao caráter constitutivo da obra literária, que, em sua ótica, (re)constitui o mundo que toma por tema, mais ainda, (re)constitui pela e na enunciação o espaço que o torna possível. Para Maingueneau (2006, p. 94),

ainda que a obra tenha a pretensão de ser universal, sua emergência é um fenômeno fundamentalmente local, e ela só se constitui por meio das normas e relações de força dos lugares em que surge. É nesses lugares que ocorrem verdadeiramente as relações entre o escritor e a sociedade, o escritor e sua obra, a obra e a sociedade.

É a compreensão dessa tensão constituída pelas relações de força que se estabelecem nos lugares em que surge uma obra literária que contribui para o entendimento do modo como o território marajoara se (re)cria pela enunciação de um sujeito autor que (se) constitui (em) seu lugar paratópico.

Para Maingueneau (2006, p. 108), a paratopia é condição do discurso literário e de todo criador dessa arte:

A paratopia só existe se integrada a um processo criador. O escritor é alguém que não tem um lugar/uma razão de ser (nos dois sentidos da locução) e que deve construir o território por meio dessa mesma falha. Não se trata de uma espécie de centauro que tivesse uma parte de si mergulhada no peso social e outra, mais nobre, voltada para as estrelas, mas alguém cuja enunciação se constitui através da própria impossibilidade de atribuir a si um verdadeiro lugar, que alimenta sua criação do caráter radicalmente problemático de seu próprio pertencimento ao campo literário e à sociedade. Sua paratopia trabalha na verdade com dois termos – o espaço literário e a sociedade – e não na relação exclusiva entre criador e sociedade.

A (re)fundação do território marajoara é central no processo criativo de Dalcídio Jurandir, nascido em Ponta de Pedras, Ilha do Marajó, no ano de 1909. A centralidade que o território assume no processo de (re)criação literária se torna evidente, inclusive, na nomeação das obras, cujos títulos remetem a ele: *Chove nos campos de Cachoeira* (1941), *Marajó* (1947), *Três casas e um rio* (1958), *Belém do Grão Pará* (1960), entre outros.

No romance *Marajó*, acompanhamos os dramas da personagem Missunga, cujo destino é se tornar Manuel Coutinho, herdeiro de uma grande extensão de terras e, junto com ela, também como herança, uma longa história de exploração da força de trabalho dos moradores locais. Os campos marajoaras (re)criados por Dalcídio Jurandir são territórios onde se confrontam os latifundiários com as gentes que vivem da pesca, da pecuária, do comércio, do serviço público. É um território marcado pela extrema desigualdade e por um sofrimento generalizado que atinge de diferentes formas a homens e mulheres marajoaras, crianças, jovens e velhos, trabalhadores e latifundiários,

todos marcados pelos potenciais efeitos destrutivos da distribuição desigual de renda e seus desdobramentos.

É de trabalho, de falta de trabalho, de exploração do trabalho que fala Dalcídio Jurandir em *Marajó*. Em uma paisagem natural ornada pela abundância das águas e pela exuberância das matas, revela-se uma paisagem social devastada, tecida por uma minoria de latifundiários, “a ave de rapina que havia em todos os Coutinhos” (JURANDIR, 2008, p. 272), que explora os demais habitantes do lugar, impedidos de estabelecer moradia, prover seu sustento, desfrutar de cuidados básicos de saúde, garantir condições dignas de trabalho, defender o direito ao próprio corpo. Trata-se de uma maioria vilipendiada pelo poder ofensivo do capital:

No toldo das canoas e nos trapiches, os donos dos peixes não eram os que vinham das águas, molhados, rotos e sujos, mordidos de piranha, ferrados de arraia, lanhados pela tarrafa e pelas pedras do fundo, moídos pelas longas horas dentro d’água nas madrugadas e nos meios-dias. Não. Eram aqueles tão poucos, contavam maços de dinheiro, davam ordens, mandavam desembarcar sacos de sal, caixas de sabão, frasqueiras de cachaça, peças de pano, alqueires de farinha, material de pesca. Mandavam desembarcar também um padre para batizar os curumins que nasciam nas palhoças como vermes. Vestiam pijamas, calçavam chinelos, escovavam os dentes na janela do barracão, liam jornais, discutiam política (JURANDIR, 2008, p. 280).

No rico conjunto de personagens que compõem o mosaico marajoara de Dalcídio Jurandir, nossa atenção se volta aos vaqueiros. Entre os trabalhadores anônimos que abundam nas páginas do romance, destacam-se Gabaça, Ramiro, Parafuso e Gervásio. O narrador nos apresenta os vaqueiros no exercício do trabalho:

Alaíde gostaria de ver como os vaqueiros caçam búfalo nos balcedos, laçam os novilhos que, feridos a vara do ferrão e a tiros, avançam com ferocidade sobre os caçadores. Estes, prevenidos e ágeis, escondem-se com os seus cavalos pelo aturiá, atolam-se nos mondongos entre aningais e esperam. Os búfalos, desorientados, sangrando, correm pelos campos e tombam agonizantes. Não sabem descobrir o inimigo no balcedo, o faro lhes falta, explicam os vaqueiros. Missunga desmonta para ver como os caçadores tiram o couro dos grandes e negros novilhos (JURANDIR, 2008, p. 273).

O modo de (re)criação desses trabalhadores funda no romance uma relação intervalar, paratópica, com o espaço marajoara, caracterizada pela tensão entre pertencimento e não-pertencimento ao território que habita. Tensão que se constitui na relação conflituosa e desigual com aqueles que se declaram proprietários das terras e exploram a força de trabalho:

Missunga atravessava os campos.

Campos do seu pai; a grande propriedade ao longo da ilha, cercas de arame, currais, lagos, malhadas, Chaves, Anajás, Soure, Cachoeira. Nas palhoças de vaqueiros, perdidas aqui e ali nos descampados, as tristes mulheres espiavam. Meninos nus e ariscos fomeavam no quarto escuro onde o amor, a miséria e a morte se confundiam. Não, pensava Missunga, muitas vezes naquele escuro quarto havia também o Coronel Coutinho, seu pai, para quem o gemido das moças defloradas tem o segredo de conservar-lhe a velhice e o pegadio às fazendas (JURANDIR, 2008, p. 274).

A paratopia, condição de uma atividade de (re)criação, é, na perspectiva de Maingueneau (2006, p. 109), “a um só tempo aquilo que cria a possibilidade de acesso a um lugar e aquilo que proíbe todo pertencimento.”. A (re)criação dos campos marajoaras em uma narrativa ficcional nos conduz, leitores, à (re)composição do território de um modo impossibilitado de recuperar por completo as experiências pessoais de um escritor que ali viveu, tampouco recuperar toda a multiplicidade de vivências nesses campos, desde as mais favorecidas até as mais sofridas. Trata-se de um posicionamento que se funda em um intervalo entre o modo como se é afetado pelas experiências e o modo como se realiza a enunciação literária.

Nesse espaço paratópico, intervalar, o Marajó se constitui um território de muitos e de poucos, um espaço de pertencimento obliterado. Em contraste com uma experiência singular da vaqueirice em campos que se constituem pelo regime das águas, valorizadas como um saber da tradição que fora dali não há, depara-se, no romance, com um espaço interdito para esse mesmo vaqueiro, uma vez que ele ocupa um lugar que é de propriedade de outro, outro que está fora da tradição da vaqueirice, mas que exerce seu poder sobre as vidas que ali habitam. Tem-se, então, um espaço cujos contornos de dentro e fora, de pertencimento e não pertencimento são permanentemente (re)configurados. Nos campos marajoaras constituem-se os vaqueiros marajoaras, mas os campos a eles não pertencem. A ocupação do território só se efetiva por meio da exploração da força de trabalho, que retira tudo o mais que possa constituir esse vaqueiro como sujeito social mais pleno.

Essa é a condição de Parafuso, um vaqueiro mandado embora da fazenda em razão do tamanho de sua família: “O patrão, por isso, mandava-o embora da fazenda. Vaqueiro não podia aumentar a família, desfalcava o rancho” (JURANDIR, 2008, p. 309). Parafuso deveria conduzir sua vida de modo a atender às demandas do trabalho e nada mais, sem prazeres, sem saúde, sem futuro:

Quantos anos vaqueirando. Chovesse ou fizesse sol, era ali, queimando chifre de gado para defumar os currais, procura vaca

parida pelos campos, quando não amansa poldro, rodeava, ia correr pelo mato e igapós atrás do gado arisco, desatolar bezerro nos lagos podres. Chifradas, postemas, febres, moição do corpo, tudo isso se curava na natureza ou com a fomentação da Madrinha Leonardina. O Parafuso andava todo podre por dentro, sentia a espinhela caída sem poder mandar benzer lá nas Cuieiras onde tinha uma benzedeira de espinhela de mão cheia. Sua mulher não passava de uma vara, de tão magra. Os filhos aqueles moleques cheios de perebas, aquela Ritinha magra, inchada, os pés pretos de lama, já trabalhando, pescando, mariscando, correndo atrás dos bezerros. E por desgraça a mulher lhe tinha dito que desconfiava de outro...” (JURANDIR, 2008, p. 310).

Coronel Coutinho, latifundiário pai de Missunga/Manoel Coutinho, assim define a figura do vaqueiro: “Vaqueiro nasceu vaqueiro morre vaqueiro.” (JURANDIR, 2008, p. 272). Na enunciação desta personagem aponta-se a indicação da imobilidade social imposta ao sujeito em uma ordem opressora na qual não há fim para a exploração da força de trabalho.

Entre as personagens, há também Ramiro, um vaqueiro que oferece resistência ao modo de vida opressor:

Ramiro não tinha emprego certo nas fazendas. Quando a necessidade era muita, a ponto de não ter mais uma camisa curta, ia ajudar os seleiros. Tido como bom curtidor, armando bem um selim. Sangrava bois velhos pras matalotagens do Coronel Coutinho e gostava de se vingar também dos fazendeiros ruins - boas vacas gordas esfaqueava nos encobertos. Não era ladrão de gado, não tinha sangue para essa aventura, se vingava, dizia ele, do tempo em que era feitor mal pago e das vezes em que sua mulher, ainda viva nesse tempo, tinha que reagir contra o desrespeito dos patrões.” (JURANDIR, 2008, p. 275).

É na voz de Ramiro que se apresenta a síntese da relação paratópica com o território marajoara: “O galope continuou. Aqueles campos eram de Manuel Coutinho mas de coração os campos lhes pertenciam.” (JURANDIR, 2008, p. 424).

A enunciação literária, assim, (re)cria um espaço social onde as relações de trabalho estão marcadas por contradições que impedem sua estabilidade. Os vaqueiros vivem no espaço intervalar entre a coragem e o prazer de encarar os desafios da profissão e a submissão aos desmandos dos patrões. O lugar desejado para o exercício da profissão é assim enunciado, quando Ramiro encontra dois outros vaqueiros e passa a beber com eles:

Aquelas três bocas buscavam no fundo do garrafão: Abaís abertos a todos os pescadores, Gabaça [vaqueiro que morre no exercício de seu trabalho] em cima da porteira bebendo tipuca, quartos de carne sabrecando em grossos espetos na fogueira do curral, mulheres parindo nas esteiras bem forradas e travesseiros, carne de graça quando prenhas desejassem (JURANDIR, 2008, p. 436).

Uma vez introduzidas no espaço paratópico da enunciação literária e por ela fortemente afetadas, passamos à interpretação dos dados da pesquisa que ouve os vaqueiros sobre a sua experiência laboral. Como as narrativas de vida tecem cenas de enunciação nas quais o trabalho nos campos marajoara se (re)criam?

Paratopia das tradições marajoaras: ser ou não ser vaqueiro

Segundo Bertaux (2010), uma narrativa de vida é “um discurso *narrativo* que se esforça para contar uma história *real* [...] é improvisado durante uma relação dialógica com um pesquisador que orientou a entrevista para a descrição de experiências pertinentes para o estudo de *seu* objeto de pesquisa. (BERTAUX, 2010, p. 89, grifo do autor). Na convergência entre os postulados de Bertaux (2010) e Maingueneau (1997, 2006, 2008, 2010), defendemos que o confronto com as narrativas de vida nos orienta a reconhecer e compreender as formas pelas quais se configuram as histórias reais, investidas, nas cenas de enunciação, em coordenadas dêiticas que sustentam a emergência de discursos sobre a atividade do vaqueiro. Iniciamos, então, a observar, as regularidades enunciativas acerca do modo como eles expressavam avaliações sobre a atividade de trabalho, avaliações evidenciadas explicitamente em uma série de termos positivos, tal como no enunciado do vaqueiro Pedras⁶:

(1)

Ser vaqueiro é um dom que veio desde gatinho, desde os 8 anos eu já começava a montar animal aí não cheguei a trabalhar em outros serviços, só mesmo na fazenda. // // ⁷ Eu tô feliz na profissão que eu exerço que é o vaqueiro. Ser vaqueiro pra mim é uma coisa muito significante. Porque eu tenho que honrar a minha profissão, que é ser vaqueiro. Então, a partir do momento que a gente honra aquilo que a gente faz, a gente tem que ser fiel a ela. E... é uma coisa que significa muito pra mim. É uma coisa que eu espero muito no meu futuro eu espero é... adquirir algo dentro do meu cargo ... da minha função que é ser vaqueiro. E eu tenho absoluta certeza que a minha profissão ela é capaz de me dar tudo isso só depende primeiramente de Deus, que tá acima de tudo, e secundamente só depende da... da pessoa

⁶ Para a identificação dos participantes da pesquisa, preservando a identidade dos vaqueiros, eles são denominados pelos nomes dos municípios do arquipélago do Marajó, alguns com abreviações: Soure, Salvaterra, Cachoeira (do Arari), Muaná, (Ponta de) Pedras, (Santa) Cruz, Chaves, Afuá, Anajás, Breves, Curralinho, (São) Sebastião (da Boa Vista), Gurupá, Melgaço, Bagre e Portel. Ressaltamos que a delimitação do território para a realização da pesquisa concentra-se nas fazendas do município de Soure.

⁷ Para inserção de passagens narrativas, usaremos os dois tipos de operação citados por Bertaux (2010, p. 148): “os cortes, que serão indicados por [...] e a montagem por deslocamento de frases, a serem indicada por: // //”

própria ter a força de vontade. Ser vaqueiro pra mim significa minha liberdade.

Os signos “felicidade”, “liberdade”, “prazer”, “animação”, “diversão”, “satisfação”, “responsabilidade”, “beleza” são recorrentes no modo como os vaqueiros iniciam suas narrativas de vida. Eles fazem parte de uma percepção positiva da atividade que realizam, cuja síntese é “eu gosto de ser vaqueiro”, enunciado também muito recorrente entre os entrevistados. As justificativas para essa percepção positiva das experiências laborais orbitam em torno do reconhecimento do valor que é ter uma profissão, do valor que é dar continuidade a uma tradição familiar (“É a vontade de ser vaqueiro mesmo que vem no sangue das gerações de outros tempos com meus tios, meu pai, meu avô, são tudo vaqueiro e tá no sangue aí” – vaqueiro Anajás), do valor de trabalhar em contato com a natureza, do valor de possuir um saber constituído pela experiência de vida (“Eu não MEREÇO que eles cheguem lá pra me dizer qualquer coisa que não fiz porque, graças a Deus, eu sei tudo da profissão, né?” – vaqueiro Portel). Uma primeira escuta das entrevistas descortina uma cena enunciativa caracterizada pela satisfação de ocupar os campos marajoaras na condição de vaqueiros.

No entanto, a ocorrência de um enunciado contrastou com a constituição dessa cena enunciativa predominantemente positiva e apontou os traços de uma valoração negativa da atividade laboral. Disse o vaqueiro Sebastião:

(2)

Se eu tivesse filho homem eu não queria pro meu filho a vaqueirice, eu não queria porque eu já vi o sofrimento que é.

No rastro desse enunciado, passamos a percrustar mais traços de uma avaliação negativa da atividade, opacificados diante da explicitude das avaliações positivas acerca da condição de ser vaqueiro. Confrontamos o enunciado (2) com outro enunciado do vaqueiro Sebastião, quando se refere inicialmente a sua profissão:

(3)

A profissão de vaqueiro foi muito sofrida pra mim no início, mas hoje, graças a Deus, eu tô feliz. Então é uma satisfação muito grande pra mim de eu ser vaqueiro, eu fico feliz de eu ser vaqueiro até porque eu tanto ajudo eles [os patrões] como eu me ajudo, eu não visó só o lado deles, eu visó o meu também.

Apesar de pontuar o sofrimento vivido no início da profissão, Sebastião declara que, com o passar do tempo, encontrou um lugar de satisfação no exercício da atividade laboral. Ele se refere à felicidade de exercer a profissão e indicia a razão pela qual ocorreu essa mudança: “até porque eu tanto ajudo eles [os patrões] como eu me ajudo, eu não visó só o lado deles, eu visó o meu também”. Esse enunciado introduz na narrativa de vida de Sebastião as relações entre empregados/vaqueiros e patrões/fazendeiros, pontuando que cabe ao empregado/vaqueiro cultivar o equilíbrio de um vínculo trabalhista que não silencie/oprime o trabalhador.

O reconhecimento dessa dêixis discursiva, indicada pela força argumentativa do enunciado, nos levou a outros fragmentos de narrativas de vida em que se acham inscritos os indícios de uma tensão entre ser e não ser vaqueiro, reforçando que, em uma abordagem discursiva, não se trabalha com evidências, conforme afirma Maingueneau (2010a, p. 15): “a opacificação do sentido exige um trabalho interpretativo”. Em busca de um dispositivo de interpretação, procuramos caminhos para fazer emergir os efeitos de sentido, atravessando o efeito de transparência da linguagem, e procuramos ouvir os não-ditos, além do que se permite transparecer, destacando sentidos marcados pela opacidade e pela historicidade das relações interdiscursivas.

Dois temas passam a orientar a escuta atenta das narrativas de vida e a seleção dos recortes de categorias analíticas: (i) as relações trabalhistas entre vaqueiros e fazendeiros; (ii) as relações entre gerações na passagem de uma herança profissional. Interessam-nos esses temas das relações familiares e trabalhistas na intersecção que entre eles se estabelece.

Pombo e Fares (2017) discutem os saberes da profissão de vaqueiro transmitidas em cinco gerações da família Vasconcelos. São saberes que passam de pais a filhos e resultam na constituição de uma identidade profissional valorizada pelo caráter da tradição. Entre os vários recortes dos relatos de vaqueiros de uma mesma família, há enunciados que revelam a coesão familiar estabelecida em torno da identidade profissional: “Nenhum fazendeiro gostava que os filhos dos vaqueiros que trabalhassem na sua propriedade fossem prestar serviço em outra fazenda, a não ser em época de ferra. As mulheres tinham que preferir casamento com vaqueiros da mesma fazenda para não se dispersarem” (POMBO; FARES, 2017, p. 86). Essa passagem descortina a intersecção entre os temas das relações familiares e trabalhistas que constituem as experiências no território marajoara. Os interesses das famílias empregadoras interferem nas escolhas das famílias empregadas.

Nas narrativas de vida reunidas em nossa pesquisa, estão fortemente presentes o valor da tradição na herança de saberes profissionais. Diz o vaqueiro Anajás:

(4)

A minha família é de vaqueiro, tem o meu avô, meus tios, meus irmãos, tudo são vaqueiro, quase toda minha família é vaqueiro, os homens. O meu avô era vaqueiro aqui também. // // Aí desde pequeno eu comecei a me apaixonar pela vaqueirice, entendeu? Aí eu não consegui mais sair de ser vaqueiro. É a vontade de ser vaqueiro mesmo que vem no sangue das gerações de outros tempos com meus tios, meu pai, meu avô, são tudo vaqueiro e tá no sangue aí. Minha profissão me traz alegria, me sinto bem, é minha profissão que eu gosto de tá montado... Meu sonho sempre foi ser vaqueiro e eu tô me realizando ser vaqueiro.

A transmissão de saberes pelas gerações mais antigas às gerações mais novas é considerada entre os vaqueiros o processo mais valoroso de aprendizagem da profissão. Há muito orgulho em assumir que aquilo que se sabe foi aprendido com os mais velhos da família, assim como há orgulho em se considerar apto a ensinar os mais novos, como diz o vaqueiro Cruz:

(5)

A pessoa sendo um ótimo vaqueiro onde a pessoa chega é bem recebido. É assim, né? Pra mim é uma profissão que eu gosto muito de sair pro campo e é uma profissão maravilhosa pra mim. Se eu tivesse um filho eu ia botar ele na escola ao menos pra aprender o nome e depois que ele crescesse, se quisesse vim morar comigo... daí ele ia crescendo e já ia se entendendo

A construção dessa história profissional e familiar confere um sentido diferente ao enunciado do romance *Marajó*, apresentado ao leitor pela personagem Coronel Coutinho: “Vaqueiro nasceu vaqueiro morre vaqueiro.” (JURANDIR, 2008, p.272). Diferentemente do caráter opressor que o enunciado assume na voz do latifundiário, na voz do vaqueiro marajoara que valoriza sua tradição, o enunciado referencia os saberes da vaqueirice como dom, presente divino. As palavras do vaqueiro Soure assim expressam esse desejo:

(6)

Eu acho, sou um bom profissional junto com meus companheiros a gente não faz isso aí também só um, é com a ajuda dos companheiros também. Ser feitor é saber, é conhecer o terreno todo, conhecer todo o gado, a contagem de gado que você recebe, você tem que saber quantas tem, quantas não tem. Quantas morreram, quantas não morreram, dar baixa no que morreu e entregar pro seu patrão. E aí saber mandar, ser amigo com todo mundo. Essa vizinhança por aqui todo mundo, todo mundo eu acho que me tem essa

pessoa que é benquista. Eu me sinto o mesmo. Meu sonho é se aposentar nessa profissão.

No entanto, paralela a essa valorização da tradição, os enunciados também apontam para uma ruptura nesse ciclo, como disse o vaqueiro Sebastião no excerto (2). Outros enunciados se alinham à direção apontada por Sebastião, como o enunciado do vaqueiro Muaná:

(7)

Eu não indicaria essa profissão para um filho meu porque, assim... a gente vê o dia a dia da gente, né? É um serviço animado, você brinca com as pessoas, você vive naquele dia a dia animado, só que é um serviço meio perigoso, é um serviço meio pesado que a gente tem que fazer. E aí, lá atrás, eu acho que o meu pai num via desse jeito, né? Mas eu hoje... eu já estudei um pouco, né? e o meu pai não teve a oportunidade de estudar e eu já estudei um pouco e já vi que essa profissão eu não queria pra ele. [...] Aí pra mim que amo meus filhos, eu já num queria isso pra eles, né? Eu queria que eles tivesse, fosse pelo menos pra eles estudassem um pouco que fosse, procurar um serviço que fosse mais leve... num tivesse a necessidade de levantar esse horário, chegar esse horário, entendeu? Eu queria que eles fossem num serviço mais, mais leve, né? Mas aí vai deles, né? da cabeça de qualquer um pensar que vai seguir aquele caminho, e eu converso com eles esses pontos, eu falo, eu mostro pra eles a realidade que eu vivo, né? pra ver se ele vai... Agora se ele for... ou se for uma genética [risos] é ele que vai saber, vai desenrolar a vida dele. Se for genética, ele vai ser vaqueiro, num tem jeito

Para além da felicidade, da liberdade, do prazer, da animação, da diversão, da satisfação, da responsabilidade, da beleza que definem a atividade do vaqueiro, aparecem também nos enunciados os traços de uma cenografia que apontam para as dificuldades vividas na profissão, indiciados em enunciados que remetem às carências materiais que vivem (“Antigamente os donos nem ligavam, você matava vaca, a torto e a direito, que eu via... os antigos faziam isso. E hoje já não tem mais isso, já não tem mais isso, então, a parte da alimentação já fica mais um pouco difícil, principalmente pra quem tem família, tem muitos... tem mulher, e tem muitos filhos, a caça já não tá muito como era antes – vaqueiro Sebastião), que revelam a dureza do cotidiano do trabalho, que denunciam a insegurança das relações trabalhistas (“Minha carteira não é assinada. A carteira assinada tem um respaldo, né?, tudo em ordem. Diarista já é diferente, trabalha aquela temporada depois vai fazer outra coisa, não é diretamente só um serviço. Eu queria ter carteira assinada – vaqueiro Curralinho), que traduzem os

perigos a que se submetem. Esses episódios fazem parte de uma percepção negativa da atividade que realizam, cuja síntese é “a gente quer o melhor para nossos filhos”.

De um modo vacilante, os vaqueiros reconhecem que a profissão é atribulada, com riscos constantes de acidente, horários imprecisos para início e término das funções. Na opacidade dos sentidos, emergem as opressivas condições de trabalho, que não são desejadas para os descendentes. Em vários excertos narrativos há indícios de um modo dos sujeitos colocarem-se em cena, a partir de suas coerções, no intervalo entre ser ou não ser vaqueiro. Assim enuncia o vaqueiro Bagre:

(8)

Essa escolha deles eu não me sinto muito feliz porque, eu acho que o segundo, ele podia até ser hoje em dia um professor, que ele estudou (...) e quando ele tava pra terminar o primeiro ano ele achou melhor trabalhar. Eu fiquei muito triste, triste porque eu não queria que acontecesse isso, eu queria que eles concluísse, que seguisse... mas como ele escolheu essa parte da vaqueirice que ele queria: “Olha, meu filho...” Isso não foi muito... até hoje eu lamento que ele podia tá noutra parte, noutra grau mais alto, mas ele escolheu a vaqueirice... mas pelo menos deu certo porque hoje em dia eles tenham, todos dois tenham as casa em Soure, eles tenham a moto deles pra lá, eles me ajudam muito na parte quando eu preciso. Quer dizer que pra mim eu me sinto feliz nessa parte deles. Não estou como eu disse satisfeito, mas pelo menos eles escolheram essa parte... não posso fazer nada, né?

Nas cenas enunciativas da prática discursiva acadêmica, o discurso sobre o trabalho implica o confronto com experiências arriscadas, predestinadas como sina, um desígnio divino. Enfrentar riscos e submeter-se a duras rotinas laborais são condições de trabalho inevitáveis, em relação às quais se nutre o desejo de deixar para trás. O enunciado do vaqueiro Salvaterra dá concretude a este argumento:

(9)

As dificuldades que o vaqueiro enfrenta são muitas coisas: o sol no verão, a chuva no inverno, a fome, da gente querer da conta logo do serviço só naquele dia e a gente passa uma fome..., mas é isso mesmo... Já que a gente escolheu essa profissão, eu acho que ... como diz o ditado: graças a Deus, eu não me arrependo de ser vaqueiro! É isso o que a gente passa no campo, assim..., mas é isso mesmo! Já que a gente escolheu essa profissão a gente tem que aguentar. [...] É arriscado, porque toda profissão é arriscado, mas se for determinado por Deus para acontecer, acontece. Se não for, Deus protege!

Assim como na enunciação literária de Dalcídio Jurandir, reconhecemos nas narrativas de vida dos vaqueiros marajoaras também um espaço intervalar, paratópico. Nas narrativas de vida, as relações de trabalho também estão marcadas por contradições

que impossibilitam sua estabilidade. No confronto entre a prática discursiva literária e a prática discursiva acadêmica, como são tecidas as relações interdiscursivas que atravessam a história de (re)criações ficcional e não ficcional do vaqueiro marajoara?

Conclusão

Na proposta de transitarmos entre a narrativa ficcional na enunciação literária e a narrativa não ficcional na enunciação acadêmica, o propósito estabelecido para o artigo foi investigar como as diferentes cenas de enunciação oferecem os traços de um modo de ser e estar no território marajoara na condição de trabalhador dos campos. Nossa aposta foi no reconhecimento de uma ordem discursiva comum, constitutiva do espaço discursivo da atividade laboral da vaqueirice, cujo ponto de intersecção é o caráter paratópico que as formas de pertencimento ao território são tecidas.

O espaço paratópico na enunciação literária se constitui por meio de cenas de enunciação que revelam a extrema desigualdade nas condições materiais de vida, que revelam a contradição que se inscreve em um território (re)configurado pela presença de muitos que têm sua força de trabalho explorada por poucos que possuem a propriedade das grandes extensões de terra e rios. Um espaço de pertencimento obliterado para muitos que habitam o território, mas não têm acesso às condições dignas de sobrevivência em um lugar de abundância para poucos e, portanto, submetem-se ao opressivo poder do capital.

Não menos paratópicas são as narrativas de vida dos vaqueiros marajoaras, constituindo-se também de pertencimentos que se constituem de modo intervalar. As cenas enunciativas que analisamos revelam um espaço discursivo que não se estabiliza entre as relações de pertencimento e não pertencimento à tradição da atividade vaqueira. Ao falar da atividade da vaqueirice, as cenas enunciativas confrontam sentidos que apontam para a permanência e para a ruptura das tradições. Os vaqueiros se reconhecem como um elo dessa cadeia tradicional tanto no que aprenderam com seus avós, seus pais, seus tios quanto no que são capazes de ensinar para seus filhos, seus netos e seus sobrinhos. No entanto, as cenas enunciativas também revelam o desejo de interromper o ciclo da tradição, embora os vaqueiros reconheçam que é difícil enfrentar a força que a tradição possui. O espaço intervalar, paratópico, na (re)criação da história da própria vida, contém paradoxalmente o desejo da mudança e o conformismo aos costumes dominantes, que são justificados pela vontade divina.

As regularidades enunciativas constituem, simultaneamente, um espaço discursivo caracterizado pela contradição em relação à atividade laboral. Ela é definida pelo signo da liberdade de estar nos campos marajoaras e pelo signo da submissão às condições adversas de trabalho; pelo signo da felicidade de ter uma profissão e pelo signo da infelicidade em relação a outras alternativas de trabalho que não se concretizaram; pelo signo da satisfação em ter reconhecimento profissional e pelo signo da insatisfação em não ter reconhecidas as garantias legais trabalhistas; pelo signo do valor e do desvalor da profissão. Os signos positivos são declarados plenamente nos enunciados, enquanto os signos negativos driblam as forças que atuam para a sua interdição. Assim, a avaliação negativa da atividade laboral é frequentemente modalizada (o trabalho é “meio” arriscado, “meio” pesado) ou justificada (“é assim mesmo”).

De acordo com os postulados de Maingueneau (2010b, p. 166), os discursos paratópicos “possuem uma fronteira com o indizível e o Absoluto, porque seus locutores de maior prestígio são movidos por alguma força transcendente.”. Na narrativa literária e nas narrativas de vida que (re)criam as relações de trabalho no território marajoara, essa força transcendente se constitui em uma convergência entre a força da tradição e a força do capital que gera o espaço discursivo intervalar entre ser por ela afetado e, em relação a ela, oferecer resistência. Enquanto a força da tradição gera valor para os habitantes marajoaras, a força do capital gera desvalor. Esse é o funcionamento discursivo comum que alcançamos na leitura que fizemos dos modos de ser e de dizer marajoaras, nas práticas discursivas literária e acadêmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTAUX, D. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9ª ed. Ouro sobre Azul: Rio de Janeiro, 2006.
HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

JURANDIR, D. **Marajó**. Belém: Edufpa; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. 3. ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MAINGUENEAU, D. **Discurso literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, D. Registro – As três facetas do polêmico. In: MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010a, p. 187-198.

MAINGUENEAU, D. Paratopia – A paratopia e suas sombras. In: MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. Trad. Décio Rocha. São Paulo: Parábola Editorial, 2010b, p. 157-170.

PESSOA, F. O Trabalho com as palavras: espaços de escuta de renormalizações. **Ergologia**, n° 15, Mai 2016, pp. 63-80. Disponível em <http://www.ergologia.org/uploads/1/1/4/6/11469955/art.3.pdf>. Acesso em 22 de janeiro de 2018.

POMBO, D.; FARES, J. A. Rédeas de saberes em vivências e lidas nos campos: relatos em cinco gerações de vaqueiros marajoaras. In: FARES, J. A. (Org.). **Saberes de vaqueiros: épica, ancestralidade, ofício**. Belém: EDUEPA, 2017, p. 73-94.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Orgs.). **Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana**. Coord. da tradução e revisão técnica: Jussara Brito e Milton Athayde. 2ª. ed. Niterói: EdUFF, 2010.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Orgs.). **Trabalho e ergologia II: diálogos sobre a atividade humana**. Tradução de Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2015.

Submetido em: 12/07/2021.

Aprovado em: 07/09/2021.

Como referenciar este artigo:

POMBO, Délcia Pereira; PESSOA, Fátima. Nas vozes que narram, uma tessitura paratópica sobre o trabalho do vaqueiro. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.40, Norte em análise: discursividades. 2021, p. 129-147.